

A felicidade no discurso midiático: uma análise discursiva

La felicidad en el discurso mediático: un análisis discursivo

Happiness in the media discourse: a discursive analysis



Fernanda Luzia Lunkes¹

Silmara Dela Silva²

Resumo: Este artigo analisa discursivamente os modos como se constituem efeitos de sentidos para felicidade e ser/estar feliz em matéria de capa da revista *Superinteressante*, de janeiro de 2023. Da perspectiva teórico-metodológica da análise materialista do discurso, volta-se ao funcionamento de discursos da/na mídia e à historicidade de dizeres sobre a felicidade, com a vistas à compreensão das imagens que se produzem por evidências e silenciamentos sobre felicidade na atual conjuntura sócio-histórica.

Palavras-chave: Análise materialista de discurso. Discurso midiático. Felicidade.

Resumen: Este artículo analiza discursivamente los modos en que se constituyen los efectos de sentido para la felicidad y el ser feliz en el reportaje de portada de la revista *Superinteressante*, de enero de 2023. Desde la perspectiva teórico-metodológica del análisis del discurso materialista, trata sobre el funcionamiento de los discursos en los

¹ Doutora em Estudos de Linguagem (UFF, com auxílio do CNPq), mestra em Letras (UEM) e licenciada em Letras/Português (UNIOESTE).

² Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo, pela UNESP - Bauru (1998), mestrado em Estudos Linguísticos pela UNESP-São José do Rio Preto (2004) e doutorado em Linguística pela UNICAMP (2008).

medios y la historicidad de los dichos sobre la felicidad, con el objetivo de comprender las imágenes que son producidas por la evidencia y el silenciamiento sobre la felicidad en el contexto socio-histórico actual.

Palabras clave: Análisis del discurso materialista. Discurso mediático. Felicidad.

Abstract: This article aims to analyze how meaning effects are constituted to happiness and to be happy in the cover story of the magazine *Superinteressante*, from January 2023. From the theoretical-methodological perspective of materialist discourse analysis, deals with the functioning of discourses by/in the media and the historicity of sayings about happiness, aiming to understand the images that are produced by evidence and silencing about happiness in the current socio-historical context.

Keywords: Materialist discourse analysis. Media discourse. Happiness.

Considerações iniciais

Na música “Pro dia nascer feliz”, encontramos os seguintes versos: “Estamos meu bem/ por um triz/ pro dia nascer feliz”. O fragmento dessa música, composta por Cazuza e Frejat, mobiliza alguns sentidos produzidos socialmente em relação à felicidade. Nos efeitos de evidência sobre felicidade, dos sentidos de ser/estar feliz, do que consiste um dia ou mesmo uma vida feliz, o sujeito mobiliza no fio do discurso um imaginário histórico-ideológico e subjetivamente construído que proporciona as condições necessárias para que possa anteciper os sentidos de estar e ser feliz.

Ressaltamos o comparecimento no fragmento da expressão “por um triz”, que equivoca os sentidos de felicidade. Se de um lado “por um triz” funciona produzindo efeitos de evidência daquilo que, feliz ou infelizmente, por muito pouco não aconteceu, que foi impedido de acontecer, por outro, produz um efeito de suspensão do presente para colocar-se à espera: à espera da felicidade. Trata-se, assim, de um estado, de uma condição de existência que ainda não chegou, mas que está a um átimo de ser alcançado, embora não haja garantia para tal. Além disso, está condicionada a um ou mais acontecimentos e/ou determinada(s) alteração(ões) da situação presente.

Nesse sentido, esse fragmento da música foi mobilizado com frequência no segundo semestre de 2022, sobretudo às vésperas das eleições presidenciais brasileiras,

de modo a reafirmar o desejo, que se mostrou da maioria da população, de alteração nos rumos do governo do país. O acontecimento da eleição de um novo presidente passou a produzir efeitos de sentidos na esteira do *slogan* “O Brasil feliz de novo”ⁱ, com a felicidade, nesse caso, associada à retomada de políticas com vistas à redução da desigualdade social, e de investimentos em ciência e educação, por exemplo.

A felicidade, enquanto horizonte de possibilidades nas condições de existência, atua desde e para sempre enquanto um enigma – em seus efeitos de completude – para o sujeito e(m) sua constituição, conforme nos adverte Freud (1996 [1930]), posto que não se deixa cristalizar, deslizando de acordo com as condições de produção subjetivas e históricas vigentes.

No movimento dos sentidos, o comparecimento da felicidade enquanto notícia para as/nas práticas jornalísticas pode atuar tanto como pauta fria, assim como pauta quente. Conforme Erbolato (1991, p. 77, *itálicos do original*), “*Quentes* (ou *competitivas*) são as notícias que devem ser divulgadas imediatamente, da melhor forma possível. *Frias* (ou *não competitivas* e também chamadas de *features*) são as que podem aguardar certo tempo até irem para as páginas dos jornais”. Na mídia brasileira, a felicidade já foi pauta de reportagens várias vezes, a exemplo de seu comparecimento na capa da revista *Época*, em novembro de 2015, cujo *making off* tomamos como objeto de análise anteriormente (DELA-SILVA; LUNKES, 2016; LUNKES; DELA-SILVA, 2019).

Tal distinção nos modos de comparecimento da felicidade na mídia está relacionada às condições de produção, destacando-se, em nossa conjuntura, as práticas empírica e ideológica, as quais atuam na relação de forças com outras, como a teóricaⁱⁱ (PÊCHEUX, 2012a). É preciso ainda considerar que, ante a um acontecimento discursivo, as redes de memória são “perturbadas” (PÊCHEUX, 2010 [1983], p. 52), de modo que os processos de produção de sentidos são deslocados, fazendo ruir as regularidades dos/nos discursos.

É na circunstância imediata de início de um novo governo no país que a felicidade volta a comparecer em capas de revistas brasileirasⁱⁱⁱ – a exemplo da capa da edição de janeiro de 2023 da revista *Superinteressante* –, cuja imagem de capa e reportagem principal tomaremos para análise; uma condição de circulação do discurso que não é sem efeitos.

A partir da análise dos processos de composição (LAGAZZI, 2009) das materialidades imagéticas e linguísticas na capa e na reportagem da revista, buscamos responder às seguintes questões: Que imagen(s) (PÊCHEUX, 1997 [1969]) de felicidade estão em jogo na matéria em análise? Que relações de força sobre felicidade estão em jogo pelas evidências produzidas nas materialidades significantes e nos processos de silenciamento operados?

A partir de um percurso em que nos detemos sobre os discursos da/na mídia e a historicidade do discurso sobre a felicidade, interessa-nos, assim, analisar os modos como se constituem efeitos de sentidos para a felicidade e o ser/estar feliz na matéria de capa da revista *Superinteressante*, em um contexto sócio-histórico de renovação no cenário político brasileiro.

Discurso e mídia

Ancoradas na perspectiva da Análise materialista de Discurso, assumimos o conceito de discurso, assim como propõe Pêcheux (1997 [1969]), enquanto efeito de sentido produzido entre interlocutores em determinadas condições de produção – que abarcam sujeito, situação e memória discursiva (ORLANDI, 2022). Tal proposição teórica afasta o analista das perspectivas humanista e idealista da língua(gem) (*ibid.*) e coloca em questão a opacidade da linguagem, da história, do sujeito e dos sentidos.

Assumir o caráter opaco do funcionamento discursivo produz uma desmontagem da maquinaria lógica vinculada a certas práticas, como a midiática. Embora Mariani (1998) já aponte para o reconhecimento no interior do campo midiático acerca das tomadas de decisão (como políticas) que lhe são concernentes, os processos de constituição, formulação e circulação das *fake news*, para mobilizar um exemplo forte, permitem depreender um processo de reorganização, ainda em curso, do/no campo do jornalismo e(m) suas práticas (DELA-SILVA, LUNKES, CARNEIRO, 2022), resultante das disputas em torno da informação, assumida aqui enquanto efeito (GALLO, SILVEIRA, PEQUENO, 2021). Todo esse processo de disputas do/no campo midiático, não obstante, permite ainda depreender o domínio de suas práticas em relação às demais.

A ancoragem teórico-discursiva à qual nos filiamos permite situar, assim, o processo hegemônico e desigual da/na mídia. Dessa perspectiva, concebemos mídia

enquanto “lugar privilegiado de produção e divulgação de sentidos na sociedade” (DELA SILVA, 2008, p. 07), noção que reúne diferentes organizações e instituições. De acordo com Sodré (2021, p. 109), pode-se diferir organização e instituição, ampla e sociologicamente, da seguinte maneira: “a instituição se pauta pela maximização do comum, enquanto a organização-empresa busca maximizar a produção e o lucro”. O autor ressalta que predomina na atualidade uma mídia pública predominantemente organizacional “em toda a variação de suas modalidades tecnológicas” (*ibid.*)

No entanto, esse funcionamento capitalista da/na mídia é silenciado na imagem que esta produz de si. As mídias tradicionais (televisivas, radiofônicas, impressas e digitais) nos efeitos de disputa já mencionados, buscam regularizar, em relação a outras mídias, uma imagem de objetividade e neutralidade nas notícias que fazem circular e nos processos de textualização das notícias e das imagens que com elas são imbricadas (LAGAZZI, 2009), sustentadas por um imaginário de língua que pode dizer dos fatos como realmente são. Silenciar o funcionamento e a atuação que inscrevam o capital e(m) seus interesses corrobora para o imenso prestígio que a tais veículos é conferido, considerando sua abrangência, seu alcance e sua acessibilidade.

O privilégio conferido à mídia reside, por exemplo, nas práticas com as quais lidam jornais e revistas em relação aos acontecimentos, inesperados ou não, construindo diferentes redes de memória. Tanto em relação aos primeiros, inesperados, quanto em relação aos segundos, esperados, há uma organização da memória, que permite, conforme Mariani (1998, p. 60), “filiações de sentidos possíveis para o acontecimento não apenas em termos de uma memória, mas também no que diz respeito aos desdobramentos futuros”.

Essa rede de filiações da memória discursiva dentro de um evento (in)esperado compõe o processo de seleção de notícias, daquilo que permite e condiciona o comparecimento de um determinado fato em jornais, revistas, portais. Podemos, assim, estabelecer uma relação de sentidos com a noção de acontecimento jornalístico, proposta por Dela-Silva (2008), que convoca a opacidade ideológica e subjetiva na aparente simplicidade de seleção das notícias que irão compor uma edição de um determinado veículo. Nas palavras da autora, “Trata-se de um acontecimento enquanto referente, com uma existência material no mundo; um

acontecimento enquanto um fato que se inscreve na história do dia-a-dia, que o jornal e os jornalistas se propõem a escrever” (DELA SILVA, 2008, p. 15).

Essa relação entre um suposto fato e seu comparecimento como acontecimento jornalístico na mídia, no entanto, não é imediata: é a partir de uma posição inscrita ideologicamente que um fato e não outros passam a comparecer na mídia, constituindo acontecimentos jornalísticos. É também a partir de tomadas de posição da própria mídia que acontecimentos jornalísticos são construídos mesmo em relação independente à ocorrência de um fato. Desse modo, compreendemos que o acontecimento jornalístico se constitui como uma prática discursiva (DELA-SILVA, 2015); e é desse modo que nos voltamos ao modo como a felicidade é mobilizada como matéria de capa na revista *Superinteressante*, produzindo efeitos de sentidos na imbricação material que caracteriza a capa e a reportagem principal que a acompanha.

Discursos sobre a felicidade

A busca por compreender os sentidos em jogo de felicidade há muito persegue não apenas os sujeitos em suas práticas ordinárias: os estudos filosóficos dedicam obras, reflexões e passagens à temática. Considerando a complexidade de tal percurso e as questões que atravessam o presente trabalho, traremos alguns recortes que, sem buscar esgotar os possíveis movimentos, permitem situar alguns sentidos construídos sobre/de felicidade em sua historicidade.

Epstein (2014) explica que a felicidade é questão recorrente em diferentes campos; no entanto, os processos de significação diferem, conforme podemos depreender na passagem:

Desde os gregos pré socráticos até a atualidade, poucos filósofos e poetas deixaram de abordar o tema; otimistas alguns, considerando a felicidade possível; pessimistas outros, negando essa possibilidade. A linhagem do pessimismo é longa. As grandes tragédias gregas de Esquilo, Sófocles e Eurípides escritas no século quinto a.C. geralmente não tinham um final feliz. (EPSTEIN, 2014, *online*).

White (2009) traça um percurso dos sentidos de felicidade ao longo da história ocidental, mobilizando a perspectiva platônica, que problematiza a felicidade enquanto prática hedonista ao passo que defende um horizonte de felicidade, com o qual

corroboram também em grande medida os estudos aristotélicos, uma necessidade de planejamento do sujeito e harmonização de conflitos. O autor ressalta a inexistência de definições em torno da felicidade em obras filosóficas, além da mobilização de diferentes palavras com sentidos sinonímicos para felicidade, as quais não deixam de produzir deslocamentos e possíveis ressignificações de sentidos, como “bem-estar” e “prazer”.

No movimento de sentidos sobre felicidade da/na história, há diferentes processos de textualização sobre a felicidade, os quais incidem em definições, conselhos para/sobre como ter uma vida feliz. White estabelece uma crítica à filosofia por não apresentar sentidos de felicidade com contribuições mais efetivas às práticas cotidianas. Por outro lado, conforme o autor,

[...] quase toda pessoa – filósofo ou não – sente-se constrangida a formar alguma concepção, por mais vaga que seja, da felicidade como aplicada a si mesma. Isto é, ela se sente constrangida a calcular alguma maneira pela qual a pluralidade de objetivos deva ser levada em consideração, seja qual o resultado exato da consideração. O indivíduo sente-se até mesmo constrangido a permitir que essa concepção, em toda a sua indefinição, desempenhe algum tipo de papel nas suas deliberações, mesmo que seja apenas no vago pano de fundo. (WHITE, 2009, p. 29).

Além de poetas, filósofos, literatos, teóricos da psicanálise também se dedicaram ao funcionamento da felicidade no/para o sujeito. Na clássica obra *O mal-estar na civilização* (1996 [1930]), Freud afirma que a existência humana se relaciona diretamente à busca de felicidade. Uma busca, entretanto, calcada em diferentes conflitos, uma vez que, de um lado, é preciso haver ausência de sofrimento(s) e, de outro, é preciso que ocorram experiências das quais o sujeito depreenda um momento que possa ser relacionado à felicidade.

Freud apresenta uma definição de felicidade:

O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada pelo princípio de prazer se prolonga, ela produz tão-somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas. (FREUD, 1996 [1930], p. 84).

Freud adverte justamente para o caráter episódico do que, em nossa formação social, se designa felicidade: um instante, um momento cujos vestígios subjetivos e sociais envolvidos nos efeitos produzidos pelo/no sujeito permitem relacioná-los discursivamente à felicidade; para tanto, é necessário ainda que seja colocado em oposição àqueles nos quais outros efeitos estão em jogo.

Dessa passagem, destacamos a impossibilidade de um estado de felicidade, ou seja, de uma condição na qual haja a continuidade na produção de efeitos de ser e estar feliz. Tal impossibilidade decorre da própria constituição subjetiva, que impede um estado permanente de felicidade. O processo constitutivo subjetivo funciona de forma a produzir um efeito de enfraquecimento das relações contrastivas, cujo deslocamento permite a inscrição de um estado outro àquele que anteriormente poderia ser definido/significado como felicidade.

Se a história particular permite que diferentes efeitos sejam então produzidos, é preciso ressaltar novamente a impossibilidade de cristalização e manutenção do que concebemos como estado de felicidade. Nos movimentos existenciais e históricos, os sentidos, que na perspectiva discursiva colocam-se em “relação a” (ORLANDI, 2001), permitem associações a um estado de felicidade e de contraste a este. Tais relações, contudo, não ocorrem sem o atravessamento ideológico e inconsciente; assim, a estrutura psíquica atua no e para o sujeito de forma enigmática, acobertando certas questões que o afetam, das causas sintomáticas que o atormentam e que justamente o fazem sofrer. Os sentidos de felicidade funcionam, assim, tanto a partir das condições sócio-históricas como a partir do percurso existencial subjetivo, produzindo deslocamentos.

Peres (2010), com base no texto freudiano, lança luz a algumas razões pelas quais o sujeito não experimenta a felicidade em estado permanente e absoluto: a constituição do corpo humano, por conta do envelhecimento, da dor e da angústia; o exterior, sobre o qual incide a possibilidade de reservar formas de ataque incontroláveis; por fim, aquele “que de todos os males é o mais ingrato” (*ibid.*, 20-21), as relações intersubjetivas.

A teoria psicanalítica proposta por Freud coloca em questão o sujeito do inconsciente, sujeito cindido cuja marca é o recobrimento dos processos e dos efeitos do que lhe constitui e atravessa, embora inscreva sintomas portadores daquilo que não cessa de não comparecer para o sujeito. Pelo funcionamento do inconsciente, com a entrada do Real, o sujeito tem acesso a lampejos que não cessam de produzir enigmas.

O sujeito do inconsciente funciona como

[...] aquele que sempre surpreende, aquele que nunca está onde se supõe estar, aquele que comparece como um piscar de olhos, que é efêmero, que não sabe o que diz, que nem mesmo sabe que vai falar ou que nem sabe que está, no exato momento em que comparece desfazendo os sentidos, falando – tem sua estrutura como pura descontinuidade. (BALDINI; MARIANI, 2013, p. 110).

A prática psicanalítica, assim, permite, por meio da linguagem, que o sujeito do discurso alcance e vislumbre aspectos relativos às suas formações, aos sintomas, ao inconsciente, àquilo que o (i)mobiliza em sua existência e em suas práticas cotidianas.

A opacidade do sujeito implica uma concepção de linguagem em disputa com outras perspectivas. Pêcheux (2012b, p. 57) trata dos processos de reconfiguração teórica sobre a linguagem, os quais produzem redefinições das questões, “como derivando exclusivamente da lógica e da biologia”, invisibilizando campos (como o histórico e cultural) ainda inacessíveis por conta das condições de produção, mas que apontam para “pontos de vista insubstituíveis sobre alguns aspectos da experiência humana” (*id.*, *ibid.*). A busca pela univocidade, efeito que compõe as capacidades das ciências, das tecnologias e das administrações, inscreve a questão de Pêcheux sobre assumir uma “tomada de posição amplamente política recortando abruptamente problemas teóricos de fundo” (*ibid.*, p. 58).

Trata-se de uma perspectiva que concorre, por exemplo, com a psicanalítica, e que ganha fôlego com a ascensão da prática psiquiátrica e das neurociências nas últimas décadas do século XX. Somada aos desdobramentos tecno-científicos no século XXI, o privilégio e domínio em diferentes práticas discursivas atuam na construção e manutenção da imagem do que Ehrenberg (2009, p. 188) concebe como “sujeito cerebral”. O autor mobiliza essa expressão pelo projeto que possibilita o enlace entre doenças neurológicas e doenças mentais, além de estender diferentes domínios (teórico, técnico, classificatório) para aspectos emocionais, comportamentais e morais. Nas palavras do autor, “Nas revistas científicas de mais prestígio e na mídia, são anunciados regularmente resultados sobre os circuitos neuronais da simpatia e do luto, da decisão de compra, da crença em Deus, da violência, do amor” (*ibid.*) e, também, como veremos, em relação à felicidade.

Tais tomadas de posição não são sem consequências ao sujeito, que passa, em diferentes condições de produção, a assumir(se) (em) um imaginário social cujos sentidos de tristeza e felicidade são enlaçados a um corpo unicamente composto por processos biológicos. São silenciadas, assim, conforme aponta Pêcheux (2012b), questões e possibilidades teóricas que podem ser mobilizadas no comparecimento de um determinado sintoma, o qual está diretamente relacionado às causas de (in)felicidade para o sujeito por atuar como sistema de forças e contraforças (EHRENBERG, 2009).

Gestos de leitura

A revista *Superinteressante*, de acordo com Winch (2017, *online*),

é reconhecida como uma publicação mensal que investe na diversidade de assuntos e enfoques, trazendo a ciência como principal voz autorizada a falar sobre assuntos variados e, várias vezes, controversos. Seja por meio dos resultados de pesquisas científicas ou entrevistas com especialistas, ao longo de sua história, a revista se inscreve em um permanente jogo entre o discurso da ciência e o discurso do cotidiano [...]. A preocupação com a veracidade das questões que coloca em pauta é visível, em especial, no constante uso de fontes especialistas (experts) que ancora a produção de conteúdos do periódico. (WINCH, 2017, *online*).

É na matéria de capa da edição 447 da *Superinteressante*, com circulação em janeiro de 2023, que passamos a nos deter em nosso gesto de leitura, com vistas a analisar os modos como se produzem efeitos de sentidos para a felicidade, na atual conjuntura sócio-histórica brasileira. Iniciamos o nosso procedimento de análise pela capa da publicação, cujas imagens são reproduzidas nas Figuras 1 e 2:



Figura 1: Capa da revista *Superinteressante*, edição 447, janeiro de 2023.

Fonte: <https://super.abril.com.br/superarquivo/447/>

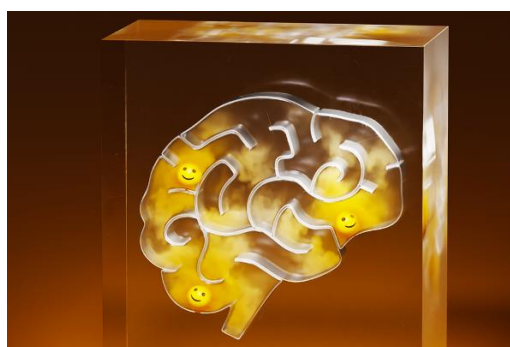


Figura 2: Close da imagem principal da capa da revista *Superinteressante*.

Fonte: <https://super.abril.com.br/ciencia/a-quimica-da-felicidade/>

A matéria de capa tem como título “A química da felicidade” e o seguinte subtítulo: “Existe uma molécula que determina se as lembranças serão boas ou ruins. Veja esta e outras descobertas da ciência sobre os mecanismos cerebrais ligados à felicidade. E a relação disso com a polêmica dos antidepressivos”.

Nossa tomada de posição no percurso analítico assume as tensões entre as diferentes materialidades significantes em jogo em seus processos de composição. Desse modo, nos filiamos a Lagazzi (2009) que, na esteira da perspectiva discursiva materialista, propõe um distanciamento dos efeitos de complementaridade, os quais funcionariam como gesto de entrada analítica. O termo ‘composição’, mobilizado pela autora, enfatiza o gesto que se produz na análise: estruturas “materialmente distintas”, uma trabalhando a incompletude da outra. Para a autora, tais materialidades “se relacionam pela

contradição”, de modo que a “a imbricação material se dá pela incompletude constitutiva da linguagem, em suas diferentes formas materiais” (LAGAZZI, 2009, p. 68).

Iniciamos nosso percurso de análise descrevendo as cores que preenchem o fundo das capas. A revista *Superinteressante* traz na composição imagética um efeito degradê de tons amarronzados para dourados e amarelos. A partir do político inscrito na cromatografia (ORLANDI, 2001), a felicidade pode ser relacionada ao efeito de valor, retomando uma memória discursiva econômica na relação com o alcance e a conquista do estado de felicidade: *a felicidade vale ouro*.

Deve-se ainda ressaltar o atravessamento do discurso digital na materialidade imagética por meio dos *emojis*^{iv} que aparecem na capa, com a mesma expressão, qual seja, um sorriso (no qual o contorno da boca é traçado com uma única linha). Os *emojis* aparecem em diferentes pontos do cérebro, com destaque em cores amarelas, colocando a ver diferentes pontos cerebrais aos quais estão relacionadas as memórias e, sobretudo, as emoções, diretamente ligadas aos efeitos de (in)felicidade no/para o sujeito.

No entanto, como Lagazzi nos adverte, os processos de imbricação podem inscrever também o equívoco. Para tanto, precisamos ainda considerar dois elementos que compõem (LAGAZZI, 2009) a materialidade imagética com os *emojis*: o cérebro e a placa/bloco de vidro.

O modo como o cérebro aparece na capa, a partir dos contornos que lhe são propostos e tendo o vidro como material que o compõe, leva a diferentes produções de sentidos: o cérebro como um labirinto, que encaminha para sentidos emaranhados, para o imbróglio, para aquilo cuja saída é difícil de encontrar. Desse modo, os efeitos de certeza sobre felicidade e sua direta relação com o cérebro são postos em suspenso pelo caminho enigmático que se apresenta. O efeito labiríntico pode ainda ser relacionado ao cérebro, sua química e aos efeitos de felicidade enquanto um jogo; de modo especial, relacionamos ao *Pac-Man*, um dos primeiros jogos criados para computadores (SYOZI, 2021), bastante conhecido na década de 1980, que consistia justamente em um labirinto no qual o personagem, inspirado na cultura japonesa, precisa avançar devorando o que lá estiver e tomando cuidado para não ser eliminado por fantasmas que cruzam seu caminho.

Um outro sentido produzido é o do cérebro enquanto elemento essencial e valioso para e nos estados de felicidade. Tal importância pode ser relacionada à presença da placa/bloco de vidro, a qual pode incidir em diferentes direções de sentidos: de um lado,

a efeitos de homenagem, de importância e de valor; de outro, a espessura da placa produz efeito de inacessibilidade; processos de composição cuja equivocidade atua, de um lado, colocando em questão o valor e a importância e, de outro, a inatingibilidade.

Nos processos de imbricação das diferentes materialidades significantes, evidencia-se o cérebro enquanto um “agente social” (EHRENBERG, 2009, p. 189); trata-se de um recorte que o elege enquanto responsável para a felicidade, peça-chave com a qual o sujeito pode e deve se implicar em relação (também) à felicidade. São silenciadas as condições materiais que na formação social capitalista são impeditivas tanto da experiência de momentos de felicidade assim como da possibilidade de almejar/supor tais instantes em um horizonte subjetivo.

Em composição à imagem, a chamada de capa associa a felicidade a reações cerebrais: “A química da felicidade”, movida por “moléculas” e “mecanismos” específicos, portanto, passíveis de serem explicados cientificamente, o que se marca no fio do discurso em afirmações como: “Existe uma molécula que determina se as lembranças serão boas ou ruins.”; e, também, em: “Veja esta e outras descobertas da ciência sobre os mecanismos ligados à felicidade.”. Associado à ciência está a projeção de um imaginário de “descobertas” e avanços permanentes, capazes de dar a conhecer aquela que seria a “A química da felicidade”, fazendo retornar via já-dito, a memória discursiva que constitui todo dizer (ORLANDI, 2001), sentidos de uma reação ou fórmula conhecida e, assim, explicável.

Essa imagem de felicidade passível de descrição científica se marca também em vários momentos da reportagem, como na sequência discursiva a seguir (SD1):

SD1: O mais provável é que a felicidade, e a infelicidade, estejam relacionadas a mecanismos cerebrais mais complexos do que se imagina. Nos últimos anos, a ciência encontrou alguns sinais disso. Descobriu, por exemplo, uma molécula que ‘carimba’ cada uma das memórias – e determina se ela vai ser positiva ou negativa. E que o cérebro possui uma malha de circuitos, a chamada “Rede de Modo Padrão”, que pode ser decisiva para a sensação de (in)felicidade. (GARATTONI; CORDEIRO, 2023, p. 25).

Na constituição de imagens para a felicidade que se marca no fio do discurso da SD1, compreendidas a partir da noção teórica de formações imaginárias, que segundo Pêcheux (1997 [1969]) presidem todo discurso, projetando, nesse caso, a imagem para aquilo sobre o que se diz (a felicidade) na reportagem jornalística, reafirmam-se os

sentidos de que a felicidade pode ser explicada cientificamente, ainda que essas explicações não possam ser precisadas, como marcado em: “O mais provável” ou “que pode ser decisiva”. “A química da felicidade”, imaginariamente explicável por mecanismos cerebrais, sustentados na figura da capa da revista, é também tomada no fio do discurso a partir de processos de modalização que se produzem por efeitos de incerteza e dúvida, mesmo diante daquilo que se “Descobriu” ou do que “o cérebro possui”.

Fazemos uma última parada na apresentação da reportagem de capa, que ocupa um total de seis páginas abertas no interior da revista. A reportagem apresenta uma diagramação específica, marcada por ilustrações que produzem um efeito de sequencialidade/continuidade, como se pode observar nas seis imagens trazidas na Figura 3:



Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Imagem 4



Imagem 5



Imagem 6

Figura 3: Reprodução das páginas da reportagem de capa da revista *Superinteressante*.
Fonte: fotografias da edição impressa feitas pelas autoras.

Na sequência de imagens da Figura 3, “A química da felicidade” ganha uma narratividade própria, que se marca nas ilustrações. Da posição leitor, contemplamos cada página da reportagem a partir da projeção do lugar de um homem que percorre um deserto, tendo ao longe, na imagem 1, como que uma miragem composta por silhuetas de palmeiras e possíveis prédios. Na sequência da ilustração, ao iniciar a caminhada (imagem 2), a figura humana se distancia, deixando pelo caminho objetos diversos, tais como um porta-retrato, uma bolsa, um molho de chaves, além de papéis supostamente escritos. À sequência de dias e noite (imagens 3, 4 e 5), marcam-se encontros e contemplações que culminam com a chegada do caminhante à cena avistada ao longe (imagem 1), e que agora se faz visível (imagem 6): trata-se de uma cena doméstica, marcada pela presença de móveis (como um sofá e uma estante), palmeiras, um quadro de uma praia, um violão, um gato, e na qual se dá o encontro com uma mulher.

Como afirma Mariani (1998, p. 106), a narratividade funciona no discurso jornalístico como “um mecanismo discursivo que atuando junto à memória possibilita a reorganização imaginária do acontecer histórico em suas repetições, resistências e rupturas”. No dizer sobre a felicidade, tão (in)explicável cientificamente, se marcam também sentidos outros que a projetam como aquilo que se busca ou aquilo que se perde em meio aos objetos que se constituem como “pequenos sistemas lógico-portáteis” associados à “gestão cotidiana da existência”, de que nos diz Pêcheux ([1983] 2008), a exemplo de chaves e papéis. No dizer sobre a felicidade, as ilustrações (Figura 3) retomam a memória discursiva de um estado episódico, sempre no horizonte do sujeito,

e que, no entanto, pode ser alcançada por meio de relações materiais, pessoais e/ou afetivas.

Considerações finais

Conforme ressalta Orlandi (2022, p. 17), em sua reflexão sobre mídia, da perspectiva discursiva que ancora o presente trabalho, pode-se assumir a memória “como partilha entre o lembrar e o esquecer, trabalhada pela ideologia, no gesto de interpretação”. No movimento dos sentidos, a memória atua nas tensões entre lembrar e esquecer, sendo o discurso midiático uma das formas pelas quais tal funcionamento se produz.

O percurso teórico-analítico aqui empreendido coloca em questão um funcionamento dominante em torno dos sentidos de felicidade cujo protagonismo é endereçado ao cérebro. Sujeito e corpo são enlaçados ao discurso biológico, incidindo na produção de evidências sobre felicidade vinculados a tal discurso. Conforme explica Ehrenberg (2009, p. 194), a biologia produz, a partir da metodologia adotada, um ser “reduzido ao seu corpo (genes, aminoácidos, neurotransmissores, sinapses, etc.)”, silenciando as condições sócio-históricas e ideológicas. Retomamos as problematizações feitas por Pêcheux (2012b) e, também por Ehrenberg (2009), para depreender um processo de produção de evidências, inscrito pelo/no discurso midiático, que produz consequência também para/em diferentes práticas discursivas, como a terapêutica. Nesse caso, um tratamento terapêutico pode produzir como evidência um sujeito muito mais em dívida em relação à dieta alimentar do que ao (próprio) inconsciente.

A pesquisa de Lunkes (2018) depreende uma forte rivalidade produzida no discurso da revista *Veja* com a prática psicanalítica no discurso sobre depressão. Em nosso estudo, em relação aos sentidos de felicidade – que estão em relação aos sentidos de depressão (*ibid.*) –, depreendemos um silenciamento desse processo discursivo de contraidentificação à psicanálise para um funcionamento outro. Neste, a evidência produzida em torno do funcionamento cerebral, no processo de composição da capa da revista *Superinteressante*, dissipa possíveis tensões. A evidência ideológica estaria, assim, em um sentido de felicidade cuja univocidade reside nos modos de equilíbrio e regulações cerebrais.

Tal efeito, no entanto, não é sem a produção de equivocidade em relação aos processos de textualização das matérias. São justamente os sentidos de felicidade como um sentimento episódico, sempre experimentado por contraste, que se marcam na reportagem de capa, ilustrada pela figura do caminhante que ora deixa para trás as “coisas-a-saber”, que “representam assim tudo o que arrisca faltar à felicidade”, como afirma Pêcheux (2008 [1983], p. 34), a respeito do funcionamento do sujeito pragmático face à homogeneidade lógica que organiza um mundo semanticamente estável; e ora se agarra a essas mesmas coisas, inscritas na memória discursiva do espaço doméstico e das relações interpessoais.

É na contradição entre o (in)explicável cientificamente e dizeres do cotidiano que a revista *Superinteressante* produz efeitos de sentidos para a felicidade que, em seus termos, “... vai escapar e voltar sem muito controle, guiada por balés neuroquímicos e ventos da vida.” (GARATTONI; CORDEIRO, 2023, p. 33).

Referências

BALDINI, Lauro J.S.; MARIANI, Bethania. O real é o nome que se dá ao inominável. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina L.; MITTMANN, Solange. **O acontecimento do discurso no Brasil**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p. 103-114.

DELA SILVA, Silmara; LUNKES, Fernanda L.; CARNEIRO. Ceres. Robôs e fake news: disputa de sentidos na prática jornalística, **Revista Investigações**, Recife, v. 35, n. 2, Dossiê: Tecnologias e mídias: discursividades e(m) disputa(s) p. 01-18, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2175-294x.2022.254257>. Acesso em: 13 fev. 2023

DELA-SILVA, Silmara; LUNKES, Fernanda. A felicidade no discurso jornalístico: um efeito de regularidade (?). **Anais do III Seminário Internacional de Estudos Sobre Discurso e Argumentação (III SEDIAr)**. Ilhéus: Editus - Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, 2016. v. 1. p. 4465-4475.

DELA-SILVA, Silmara. (Des)Construindo o acontecimento jornalístico: por uma análise discursiva dos dizeres sobre o sujeito na mídia. In: FLORES, G.; NECKEL, N.; GALLO, S.M.L. (Orgs.). **Análise de discurso em rede: cultura e mídia**. Campinas, Pontes Editores, 2015. p. 231-232.

DELA-SILVA, Silmara. **O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. Campinas, SP, 2008.

ENTENDA a diferença entre smiley, emoticon e emoji. Disponível em: <https://cotic.ufrj.br/entenda-a-diferenca-entre-smiley-emoticon-e-emoji/>. Acesso em: 09 fev. 2023.

EPSTEIN, Isaac. Da filosofia à ciência da felicidade. **ComCiência**, Campinas, n. 161, set. 2014. Disponível em http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542014000700008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 fev. 2023.

ERBOLATO, Mario L. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

EHRENBERG, Alain. O sujeito cerebral. **Psicologia Clínica**, 2009, v. 21, n. 1 pp. 187-213. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652009000100013>. Acesso em: 17 fev. 2023.

FREUD, Sigmund. [1930]. O mal-estar na civilização. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Trad. sob direção geral de Jayme Salomão; comentários e notas de James Strachey; colaboração de Anna Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 67-148.

GALLO, Solange; SILVEIRA, Juliana; PEQUENO, Vitor. Fake news: efeito de fake, efeito de news. In: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele S.; SOBRINHO, Helson F. (Orgs.). **Ousar se revoltar**: Michel Pêcheux e a análise do discurso no Brasil. Campinas: Pontes, 2021. p. 253-268.

GARATTONI, Bruno; CORDEIRO, Tiago. A química da felicidade. **Superinteressante**, ed. 447, jan. 2023.

LAGAZZI, Suzy. O recorte significante da memória. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina L.; MITTMANN, Solange. **O discurso na contemporaneidade**. São Carlos, SP: Claraluz, 2009. p. 65-78.

LUNKES, Fernanda; DELA SILVA, Silmara. O discurso midiático e o sujeito (feliz) na atualidade. In: SOARES, A. [et al]. (Orgs.). **Discurso, interlocuções e...** Caxias do Sul: Educs, 2019. p. 91-110.

LUNKES, Fernanda. **Depressão e medicalização no discurso jornalístico**. Appris: Curitiba, 2018.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

ORLANDI, Eni. Escritas e Sussurros. In: FRAGOSO, E.; DIAS, J. (Orgs.). **Língua, conhecimento e história**. Porto Velho: Edufro, 2022, p. 15-30.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. Reflexões sobre a situação teórica das Ciências Sociais e, especialmente, da Psicologia Social. In: **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2012a. p. 21-54.

PÊCHEUX, Michel. Nota sobre a questão da linguagem e do simbólico em Psicologia. In: **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2012b. p. 55-71.

PÊCHEUX, Michel. [1983]. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. [et al.]. **Papel da memória**. Trad. de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 2010. p. 49-58.

PÊCHEUX, Michel. [1983]. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 5 ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, Michel. [1969]. Análise Automática do Discurso. *In*: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-161.

PERES, Urania T. **Depressão e melancolia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

SODRÉ, Muniz. **A sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças**. Petrópolis: Vozes, 2021.

SYOZI, Ricardo. Quem é o criador do Pac-Man? Tecnoblog, set. 2021. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/quem-e-o-criador-do-pac-man/>. Acesso em: 02 mar. 2023.

WINCH, Rafael R. As condições de produção do discurso da revista Superinteressante sobre a mudança climática, **Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicación**, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/160/16057380008/html/>. Acesso em: 17 fev. 2023.

WHITE, Nicholas. **Breve história da felicidade**. Trad. Luis Carlos Borges. São Paulo: Loyola, 2009.

ⁱ *Slogan* do Partido dos Trabalhadores (PT), mobilizado nas eleições presidenciais de 2018 e 2022.

ⁱⁱ Pêcheux (2012a, p. 26) elabora um quadro no qual designa três práticas (empírica, ideológica e teórica) e apresenta algumas das principais discursividades alinhadas a cada uma delas. Enquanto na prática teórica encontramos os “conhecimentos científicos”, na ideológica encontramos a prática filosófica e as ideologias “jurídica, moral, religiosa, artística”.

ⁱⁱⁱ Além da revista Superinteressante, edição 447, que será mobilizada como *corpus* no presente artigo, a felicidade também é capa da revista Veja Saúde, edição 487, do mês de janeiro de 2023. Algumas matérias dessa edição podem ser lidas em: <<https://saude.abril.com.br/edicoes/487-a-ciencia-da-felicidade/>>. Acesso em: 02 mar. 2023.

^{iv} De acordo com a página da Coordenadoria de Tecnologia da Informação e Comunicação, da UFRRJ, os emoticons funcionam de forma a mobilizar emoções “por meio de caracteres tipográficos”. Já os Emojis, que surgem primeiramente no Japão nos anos 90, caracterizam-se “por pertencerem a uma biblioteca de figuras prontas”. Os emojis agrupam o smiley e outros símbolos originalmente considerados emoticons, porém apenas em suas versões em desenho.